

## **Comunicação, Movimentos Sociais e Jornalismo na Amazônia: Novas Estratégias de Luta<sup>1</sup>**

Lucas MILHOMENS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Amazonas, Campus Parintins, AM

### **RESUMO**

O presente trabalho tem a intenção de analisar os novos mecanismos comunicacionais utilizados pelos movimentos sociais da Amazônia. Nossa argumentação é de que estes movimentos e alguns atores individuais estão utilizando ferramentas midiáticas advindas da Internet para ampliar seu ativismo político e social. A utilização de sites, blogs e redes sociais online são exemplos deste novo formato de atuação comunicacional que vem sendo o *modus operandi* de entidades ligadas às mais variadas causas e lutas. Como as questões indígenas, movimento de atingidos por barragens e por jornalistas e/ou comunicadores produtores de conteúdo de atuação “engajada” na região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Movimentos Sociais; Jornalismo; Amazônia; Internet;

### **Um Continente Chamado Amazônia**

A Amazônia é um espaço geográfico que cobre quase 50% do território nacional, com mais de cinco milhões de Km<sup>2</sup>, percorre nove estados brasileiros, passando pela Região Norte, Nordeste e Centro-Oeste. É apontada por inúmeros especialistas de várias áreas do conhecimento científico como a floresta tropical onde se encontra a maior fonte de biodiversidade do planeta Terra. Um gigantesco e complexo ecossistema<sup>3</sup>, por consequência uma das regiões mais importantes do mundo no que se refere a seus recursos naturais e singularidades étnico-culturais. Desse modo, ao contrário do que muitos acreditam, não é possível dizer que a Amazônia é homogênea. Sua diversidade ambiental acaba, de certo modo, encobrendo a grande pluralidade de seus moradores. Diversidade expressa nas centenas de etnias indígenas distribuídas ao longo de seu imenso território, na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Mestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Ufam de Parintins, email: milhomenslucas@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Conjunto das relações de interdependência, reguladas por condições físicas, químicas e biológicas, que os seres vivos estabelecem entre si e também com o meio ambiente em que habitam. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em 08 de agosto de 2012.

presença de brasileiros de outras regiões que imigraram para este gigantesco território em busca de melhores condições de vida e na formação sociocultural do personagem conhecido na como “caboclo”, resultante da miscigenação branca com os povos autóctones da região.

### **“Porto de Lenha” tu nunca serás Liverpool**

Existe uma música famosa dos manauaras<sup>4</sup> feita pelos compositores Aldísio Filgueiras e Torrinho denominada “Porto de Lenha”, sua letra faz o seguinte vaticínio:

Porto de Lenha tu nunca serás Liverpool/Com tua cara sardenta e de olhos azuis/Com um quarto de flauta/Do alto Rio Negro/Pra cada sambista-paraquedista/Que sonha o sucesso/Sucesso sulista/Em cada navio, em cada cruzeiro/Em cada cruzeiro/Das quadrilhas de turistas.

(FILGUEIRAS;TORRINHO,1970)

Não coincidentemente a referida canção sintetiza um velho processo que persiste não só na capital amazonense, mas em toda a Amazônia e região: o processo de colonização – estrangeira ou nacional – predatória. Abonada pelo que Pinto (1978) chama de desassistência do Estado Brasileiro. Esta ausência de políticas públicas juntamente com o adendo de projetos megalomaniacos geraram (e geram) para os moradores da região um enorme déficit econômico, social e político. Um exemplo de projeto governamental mal sucedido foi o Plano de Integração Nacional (PIN)<sup>5</sup> gestado pelo Governo Militar nos anos 70 do século passado para levar “homens sem terra para uma terra sem homens”<sup>6</sup> na Amazônia brasileira. O referido plano além de incentivar um nacionalismo de cunho ufanista, popularizou a rodovia Transamazônica, pensada como forma de integrar a região longínqua das florestas com o restante do Brasil e que ao longo de sua construção mostrou-se inviável não somente pelas dificuldades infraestruturais para sua conclusão, mas, sobretudo, porque a mesma além de ser construída no meio da floresta (portanto, derrubando milhares de quilômetros de vegetação primária) tinha previsão de passagem em quase 30 comunidades indígenas, muitas delas com pouquíssimo (ou nenhum) contato com o homem branco. Há também projetos mais recentes que demonstram a mesma “estratégia” governamental. Talvez o mais simbólico deles seja a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no estado do Pará. Projeto idealizado ainda à época da Ditadura Militar e que

---

<sup>4</sup> Natural de Manaus.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2006/epg/06/EPG00000473\\_ok.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/epg/06/EPG00000473_ok.pdf)>. Acesso em 10 de agosto de 2012.

<sup>6</sup> Slogan do Plano de Integração Nacional que visava incentivar o povoamento da Amazônia.

recrudescer em 2009 com o aval do Governo Federal. O caso de Belo Monte é emblemático não somente pelo seu tempo de existência, mas também por colocar em voga a exploração dos recursos naturais da Região amazônica em prol de um “desenvolvimento” entendido por muitos especialistas como equivocado e contraditório. E que segundo Nascimento (2009, p.41) agrava as “desigualdades sociais, em especial as de classe, étnico-raciais, de gênero e regionais que se manifestam na Amazônia por meio de um padrão de desenvolvimento capitalista que tem sido denominado por enclave”. No caso específico de Belo Monte, é respaldado por um direcionamento governamental e privado – este último através de grandes corporações sob o formato de consórcios de empresas – que incentiva maciçamente um tipo de plataforma de matriz energética visando à construção de barragens hidrelétricas sem levar em consideração a preservação (e convivência equilibrada) com a biodiversidade de ecossistemas existentes na Região.

Estes e outros exemplos mencionados neste artigo têm a finalidade de demonstrar o tratamento dispensado à Amazônia há várias décadas, em uma escala histórica poderíamos dizer há vários séculos. O que, por consequência dialética vem gerando formas de resistências a essas iniciativas, sejam elas governamentais ou privadas. Muitos destes exemplos de “resistências” são protagonizados pelos movimentos sociais fixados na região, movimentos estes de várias origens (étnicas, sociais e culturais) e com plataformas específicas, mas, como veremos, um fio condutor “identitário-comunicacional”.

### **Formatos identitário-comunicacionais para as lutas na Amazônia**

Um dos fenômenos recentes no começo deste século XXI é a exposição de (novas) bandeiras de antigos e recentes atores, (re)significados por uma perspectiva de empoderamento cultural/midiático, bandeiras estas hasteadas através de novos formatos digitais, capitaneadas pelo advento da rede mundial de computadores e seu potencial comunicacional. Para Castells (1999) este potencial é alicerçado pela construção de uma “Identidade”. Para tanto este sociólogo argumenta que a mesma é responsável pelo fortalecimento e visibilidade de uma determinada cultura/povo/etnia/comunidade/movimento social. Uma visibilidade não compreendida se analisada apenas por si mesma. O fenômeno ao qual se refere Castells (1999, p.22) e já abordado por outros intelectuais trata de um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-

relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado”. Tal reflexão remete-nos ao apontamento de que a construção e fortalecimento das identidades coletivas é matéria-prima para uma posterior visibilidade e exaltação dessas identidades, cultivando seus valores em uma sociedade heterogênea e segmentada.

Identities constitute sources of meanings for the actors themselves, for they are originated, and constructed through a process of individualization [...] However, identities are more important sources of meaning than roles, because of the process of self-constructing and individualization [...] The construction of identities uses the raw material provided by history, geography, biology, productive and reproductive institutions, collective memory and personal fantasies, through apparatuses of power and religious revelations. However, all these materials are processed by individuals, social groups and societies, which reorganize their meaning in function of social tendencies and cultural projects rooted in their social structure, as well as in their vision of time/space (CASTELLS, 1999, p.23).

Neste contexto apontamos que mobilização comunicacional – principalmente através da Internet – exercida pelos movimentos sociais da Amazônia tem uma importante função de resgate e resistência. Essas ações são materializadas através do mesmo conceito que o autor (Idem, 1999, p.24) define como “Identidade de Resistência”. Ou seja, o formato e os mecanismos pelos quais os atores que de alguma forma estão oprimidos ou desvalorizados encontram para redefinir sua posição na sociedade. Para o autor a identidade de resistência refere-se aquela que é:

Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos [...] É provável que seja esse o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade. Ele dá origem a formas de resistência coletiva diante de uma opressão que, do contrário, não seria suportável, em geral com base em identidades que, aparentemente, foram definidas com clareza pela história, geografia ou biologia, facilitando assim a “essencialização” dos limites da resistência (CASTELLS, 1999, p.24-25).

## **Movimentos na Floresta**

Um exemplo desta diversidade amazônica é a Rede Povos da Floresta. Um movimento social originário do estado do Acre que reúne comunidades tradicionais e indígenas, articulando-as em prol da preservação de suas culturas, do meio ambiente e de seus

territórios. Promovendo a mobilização e divulgação de suas ações com a ajuda da rede mundial de computadores e da internet para a propagação de seus ideais e diretrizes de luta.



Figura 01 – Rede Povos da Floresta

Fonte: <<http://www.redepovosdafloresta.org.br>>. Acesso em: 26 de maio de 2012

Esta rede de movimentos, uma das primeiras a se organizarem na região amazônica, tem como interesses comuns a manutenção de suas tradições e cultura propagando um processo organizativo inspirado no líder sindical desaparecido Chico Mendes<sup>7</sup> e seus contemporâneos do estado do Acre no início dos anos 80 do século passado. Dentre suas inúmeras atividades estão cursos de formação, defesa do meio ambiente sob uma perspectiva indígena e a promoção da inclusão digital para seus militantes e populações tradicionais. Para que isso aconteça são feitas oficinas de capacitação voltadas aos integrantes dessas mesmas comunidades. Um destaque para o trabalho deste movimento social está na produção de conteúdo audiovisual, com especial atenção para o que é feito pelo grupo Vídeos nas Aldeias<sup>8</sup>.

No bojo das discussões levantadas no início deste artigo sobre os megaprojetos governamentais direcionados a exploração dos recursos naturais abundantes na região amazônica – encarnada hoje pela já citada e polêmica construção da Usina Hidrelétrica de

<sup>7</sup> Líder seringueiro assassinado em Xapuri (AC) em 1988.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.videosnasaldeias.org.br/2009/>. Acesso em: 06 de julho de 2013.

Belo Monte – surge um movimento que vai de encontro a esta política, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)<sup>9</sup>.

O MAB é considerado o maior movimento social que luta contra a construção de hidrelétricas no País e em especial na região amazônica, sua atuação nacional visa articular as populações atingidas por grandes projetos como os das construções de hidrelétricas. Mesmo sendo um movimento nacional com penetração em todo o país, o movimento tem atuação sistemática e prioritária na Amazônia. Não coincidentemente é nesta região que encontra-se a maior quantidade de barragens e, por consequência, o maior número de populações tradicionais atingidas. Ele se estrutura em grupos de base e coordenações locais, estaduais e nacionais. O movimento tem especial atenção para as questões comunicacionais, fruto de uma organização interna (sob o formato de “setores” como o de “comunicação”) que priorizam ações midiáticas de baixo custo, de fácil acesso e de grande repercussão, seguindo uma lógica de articulação em rede que não se limita a um único espaço geográfico, sendo em sua grande maioria de visibilidade midiática internacional.

Um exemplo desta articulação foi a participação do diretor de cinema norte-americano *James Cameron* juntamente com integrantes do MAB na marcha nacional contra Belo Monte que aconteceu em abril de 2010 em Brasília (DF)<sup>10</sup>, atividade esta de pouca repercussão no Brasil, mas de grande visibilidade mundial. Uma das estratégias utilizadas pelos militantes do movimento para repercutir este e outros atos tem sido o uso constante das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e, sobretudo, da Internet. É o que Pereira (2011, p.11) entende como os “desenvolvimentos de novos repertórios de ação pelos movimentos através das inovações tecnológicas”. E o que Gohn (2011) denomina de nova práxis dos movimentos sociais do início do século XXI. Para o MAB estas inovações perpassam invariavelmente a utilização de recursos digitais ciberculturais. Podemos observar esse fato no portal do movimento e em suas inúmeras funcionalidades multimidiáticas “linkadas” a outras redes e sites, na utilização de seu *Twitter* [*@MAB\_Brasil*] divulgando suas ações, em seu canal de vídeos no *YouTube* [*mabcomunicacao*] com o intuito de publicizar suas campanhas, ações, marchas e, mais recentemente, na criação de sua página e grupo de discussão no *Facebook*.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/>. Acesso em: 06 de julho de 2013.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=4zhw34GH\\_yU](https://www.youtube.com/watch?v=4zhw34GH_yU). Acesso em: 21 de abril 2013.



Figura 02 – Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)  
Fonte: <http://www.mabnacional.org.br/>. Acesso em: 06 de julho de 2013.

Por ser a maior fonte de recursos naturais e biodiversidade do planeta, a Amazônia atrai aventureiros das mais variadas origens e estirpes. São milhares de pessoas anônimas que desembarcam na região ainda hoje com o intuito de encontrar o “Eldorado” perdido. Foi assim com os ciclos da borracha que tornaram Manaus no início do século XIX uma das cidades mais importantes da América Latina. Também foi assim com os garimpeiros de Serra Pelada, “peões-mineradores” advindos de todo o país, trabalhando em condições totalmente improvisadas no Sul do Pará, na busca incessante de seus quilos de ouro e prosperidade. Mas o que mais impressiona na história recente da exploração amazônica são os grandes projetos pensados para a região. Projetos estes arquitetados pelos governos anteriores e atuais com essencial presença das grandes multinacionais do campo da mineração e produção de energia. Estas, de grande impacto econômico, social e principalmente ambiental. Mesmo não sendo militante de um movimento social da Amazônia, uma das mais engajadas e bem informadas autoridades comunicacionais sobre a região é o jornalista paraense Lúcio Flávio Pinto. A dimensão dos conteúdos produzidos por ele sobre a região ultrapassa as fronteiras do Pará e repercute em todo o Brasil. Essa repercussão só é possível pelo advento da rede mundial de computadores e suas ferramentas de propagação informacional. Pinto se considera um “militante da notícia”, ou seja, um ativista que produz informação qualificada sobre a Amazônia. Colunista fiel do

Observatório da Imprensa<sup>11</sup> e de outros sites, suas reflexões e textos – sempre sobre as várias problemáticas relacionadas à Amazônia – são fonte importante para qualquer pesquisador que queira de fato entender a região. Alguns de seus trabalhos demoram anos para serem concluídos, examinando detalhadamente relatórios, arquivos e projetos, consultando fontes importantes e exclusivas. O jornalista deixa claro que sua prioridade de publicação é a versão impressa de seu jornal, mas é através da Internet que sua produção se amplifica e ganha o mundo. Seu blog “Cartas da Amazônia” tem grande visibilidade no Portal Yahoo!.



Figura 03 – Blog Cartas da Amazônia

Fonte: <<http://br.noticias.yahoo.com/blogs/cartas-amazonia/>>. Acesso em: 07 de julho de 2013.

Uma das mais importantes organizações sociais da Amazônia está relacionada às questões indígenas e encontra-se na região conhecida como Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, localizada no Município de São Gabriel da Cachoeira<sup>12</sup>: a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, a Foirn<sup>13</sup>. A entidade, uma organização não-governamental fundada nos anos 80 do século passado por indígenas de várias etnias tem a finalidade de organizar e defender os interesses destes povos, utilizando um aparato jurídico, cultural, político e, como veremos, de intensa atividade comunicacional. A Foirn vem se destacando por defender bandeiras históricas como a demarcação de terras indígenas, a preservação cultural de seus povos e o enfrentamento à violência. A luta por uma educação de qualidade

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>. Acesso em: 06 de julho de 2013.

<sup>12</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Gabriel\\_da\\_Cachoeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Gabriel_da_Cachoeira). Acesso em: 07 de julho de 2013.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.foirn.org.br/>. Acesso em: 07 de julho de 2013.

diferenciada (pensada e executada pelos próprios indígenas) também é outra prioridade deste movimento social.

A Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) é uma associação civil sem fins lucrativos, sem vinculação Partidária ou Religiosa, fundada em 30 de abril de 1987 para defender os direitos dos povos indígenas que habitam a Região do Rio Negro no Estado do Amazonas – Brasil. Compõe-se de 05 coordenadorias que reúne mais de 70 organizações de base representante das comunidades distribuídas ao longo dos principais rios formadores da bacia do Rio Negro. São cerca de 750 aldeias, onde habitam mais de 35 mil indígenas, compreendendo aproximadamente 10% da população indígena no Brasil, pertencentes a 23 grupos étnicos diferentes (FOIRN, 2013<sup>14</sup>).

Outra grande vitória do movimento indígena capitaneado pela Foirn foi a oficialização, através de lei municipal fruto de uma intensa mobilização dos indígenas do Alto Rio Negro, da inédita decisão de se adotar mais três línguas oficiais além do português no município de São Gabriel da Cachoeira<sup>15</sup>, esforço coletivo e organizativo dos indígenas que tiveram seus principais troncos linguísticos reconhecidos em ação inédita feita pelo estado brasileiro.

Um dos pontos que mais nos chamam a atenção neste trabalho é a intensa prática comunicacional destes indígenas e seus colaboradores. Sua articulação em rede é perceptível à medida que acompanhamos seus trabalhos propagados – em sua imensa maioria – pela rede mundial de computadores. Listamos, desse modo, desde o site da entidade e seu Blog, a utilização das redes sociais online como a sua *Fanpage* no *Facebook*, seu *Twitter* e canal no *YouTube*. Todas ferramentas digitais de comunicação utilizadas para a divulgação de matérias, articulação de seus militantes e simpatizantes, produção de conteúdo formativo e sensibilização da sociedade de modo geral e das autoridades sobre a causa e a questão indígena. Na sequência listamos (em formato imagem) algumas de suas principais ferramentas comunicacionais.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.foirn.org.br/category/sobre-foirn/>>. Acesso em: 07 de julho de 2013.

<sup>15</sup> Em um caso inédito na federação brasileira foram reconhecidas, como línguas oficiais, ao lado do português, três idiomas indígenas, após a aprovação da Lei Municipal 145, de 22 de novembro de 2002: o Nheengatu, o Tucano e o Baniwa, línguas tradicionais faladas pela maioria dos habitantes, dos quais 74% são indígenas. O município foi a primeira localidade brasileira a reconhecer outros idiomas como oficiais, além do português. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Gabriel\\_da\\_Cachoeira](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Gabriel_da_Cachoeira)>. Acesso em 07 de julho de 2013.



Figura 05 – Fanpage Facebook Foirn

Fonte: <<https://www.facebook.com/pages/FOIRN-Federa%C3%A7%C3%A3o-das-Organiza%C3%A7%C3%B5es-Ind%C3%ADgenas-do-Rio-Negro/118528804894694>>. Acesso em: 07 de julho de 2013.



Figura 06 – Twitter Foirn

Fonte: <<https://twitter.com/foirn>>. Acesso em: 07 de julho de 2013.

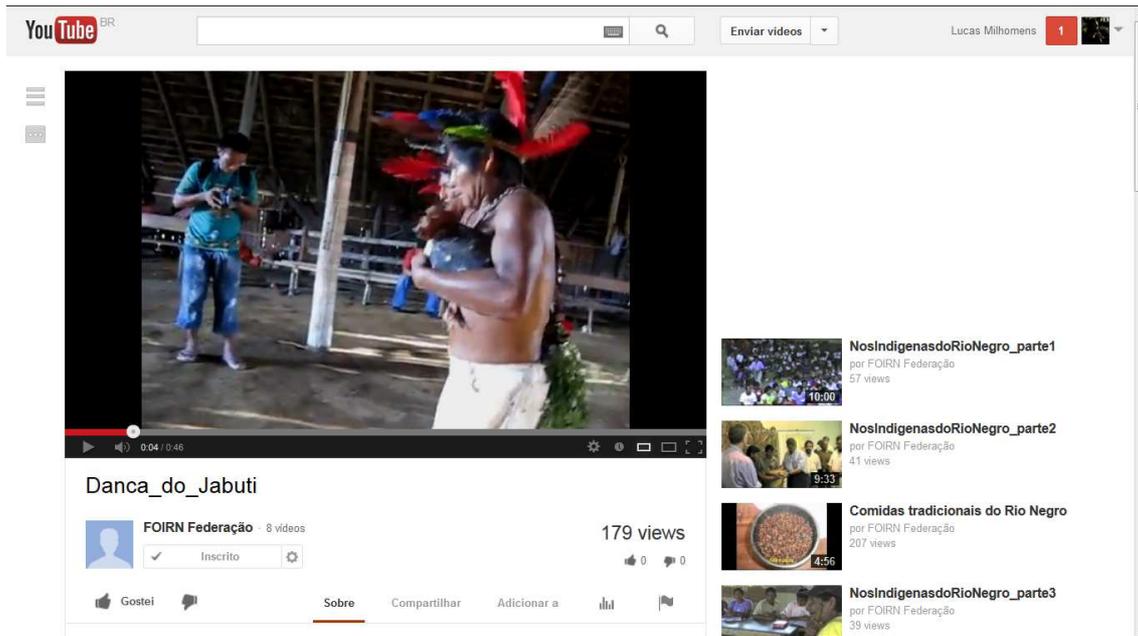


Figura 07 – Canal no YouTube da Foirn

Fonte: <<http://www.youtube.com/watch?v=oVSEyo28u2w>>. Acesso em: 07 de julho de 2013.

## Considerações Finais

Fazendo um retrospecto da proposta deste artigo, procuramos apontar a complexidade da Amazônia em termos humanos, geográficos e culturais. Em um panorama que apresenta a região de forma didática e histórica, com ênfase em sua diversidade e formação humana, mostrando a perspectiva da pluralidade dos povos que vivem em seu vasto território. Abordamos também um recorte de movimentos sociais da região que, como podemos ponderar, são cada vez mais usuários das tecnologias de informação e comunicação, as TICs. Sobretudo os recursos disponíveis na rede mundial de computadores. Tanto para fazer militância das mais variadas formas e propósitos como para divulgar suas opiniões a todos que estiverem conectados ao ciberespaço. Elencamos que um dos principais motivos que impulsionam estes atores amazônicos está relacionado ao conceito defendido por Castells (1999) de identidade. Para ser mais exato de “identidade de resistência”, a forma pela qual atores e coletivos oprimidos e estigmatizados de forma econômica, social, política e culturalmente encontram para resistir e, também, ampliar suas bandeiras de luta. O uso da Internet e das redes digitais vêm ao encontro deste processo, consolidando-o e

amplificando-o. Podemos chamar isso de militância digital ou mesmo “ciberativismo<sup>16</sup>”, e mais especificamente, um novo ativismo amazônico, por suas peculiaridades originárias da região, com uso constante dos recursos disponíveis na rede mundial de computadores e Internet.

Apresentamos também o caso de “militância comunicacional” do jornalista Lúcio Flávio Pinto. Operário da notícia que produz informações qualificadas e privilegiadas sobre a região com maior fonte de recursos naturais do mundo. E, não obstante, porta de entrada para exploradores das mais variadas matizes, das corporações multinacionais até os aventureiros plantonistas. Grandes projetos como a construção da Hidrelétrica de Belo Monte que apesar do apoio governamental e de setores importantes da iniciativa privada, está longe de ser uma unanimidade, principalmente entre os militantes do Movimento dos Atingidos por Barragens, o MAB. Movimento este que faz uso constante e abrangente das mídias digitais para suas ações de mobilização.

Nosso último exemplo de militância comunicacional amazônica refere-se à Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, Foirn. Esta entidade que conglopera centenas de indígenas da região do Alto Rio Negro utiliza a comunicação digital como principal instrumento de articulação e propaganda. Seu interesse por estas ferramentas chama a atenção pela quantidade de recursos virtuais utilizados. Plataformas estas que dialogam com o que há de mais atual na sociedade das redes sociais online.

Avaliamos que esta nova reconfiguração e atuação dos movimentos sociais amazônicos estão promovendo um novo tipo de exposição e articulação. Onde a diversidade dos moradores da região é abordada em uma perspectiva ao mesmo tempo local e global, plural e diversificada. Diversidade esta construída, registrada e propagada pelos próprios atores amazônicos, das suas mais variadas formas e estilos, abordando temas outrora obscuros ou inexistentes na mídia tradicional através dos novos meios digitais de comunicação. Quando o MAB, por exemplo, chama a atenção do mundo fazendo um vídeo com a presença do diretor de Avatar<sup>17</sup> e este circula na rede através do *YouTube* fazendo a comunidade internacional voltar sua atenção para Belo Monte e para o Brasil, este ativismo político não é mais o mesmo do século passado.

Nossa reflexão é que tal processo irá se aprofundar cada vez mais, principalmente à medida que as TICs são aprimoradas e popularizadas, possibilitando a outros movimentos e

---

<sup>16</sup> Ativismo praticado no Ciberespaço.

<sup>17</sup> Filme estadunidense do diretor James Cameron de grande visibilidade que possui em sua temática central o enfrentamento de nativos contra mercenários estrangeiros que querem roubar seus recursos naturais e fonte de vida.

indivíduos, acesso a Internet de qualidade e seus mais variados recursos multimidiáticos. É a ampliação das lutas, o ativismo dos movimentos sociais da Amazônia potencializado pelas das redes digitais de comunicação.

## REFERÊNCIAS

BERNAL, Roberto Jaramillo. **Índios Urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999.

**Chico Mendes.** Educação UOL. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/biografias/chico-mendes.jhtm>. Acesso em 11 de agosto de 2012.

MORAES, Denis. **Ativismo Digital.** 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>. Acesso em: 16 de setembro de 2009.

DINIZ, Lilian. Lúcio Flávio Pinto e a saga do Jornal Pessoal. **Observatório da Imprensa.** Edição 673. [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/lucio\\_flavio\\_e\\_a\\_saga\\_do\\_lt\\_i\\_gt\\_jornal\\_pessoal\\_lt\\_igt.22/12/11](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/lucio_flavio_e_a_saga_do_lt_i_gt_jornal_pessoal_lt_igt.22/12/11). Acesso em 20 de agosto de 2012.

DOSSIÊ AMAZÔNIA BRASILEIRA I. **Aziz Ab'Sáber: problemas da Amazônia brasileira.** Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000100002). Acesso em: 28 de março de 2012.

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical – Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** São Paulo: Editora Senac, 2002.

GOHN, Maria da Glória (Org.). **Movimentos Sociais no Início do Século XXI: antigos e novos atores sociais.** 5ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MILHOMENS, Lucas. **Entendendo o Ciberativismo Sem Terra na Nova Esfera Pública Interconectada.** Dissertação de Mestrado. UFPB, 2009.

NASCIMENTO, Maria Antônia Cardoso do. O paradoxal desenvolvimento do Estado do Pará: Efeitos no social. In: **Questão Social na Amazônia.** Manaus, Edua, 2009.

OLIVEIRA, José Aldemir de; SCHERER, Elenise (Org.). **Amazônia: territórios, povos tradicionais e ambiente.** Manaus: Adua, 2009. FREITAS, Marilene Corrêa da Silva. Políticas Públicas, Territórios, Populações Tradicionais e Ambiente na Amazônia. P.15-31.

ORRICO, Neblina. **Movimentos Sociais e a Internet.** Brasília: 2005. P.54. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade de Brasília, UnB-2005.

PAULA, Elder Andrade de; SILVA, Silvio Simione da. **Movimentos Sociais na Amazônia brasileira: vinte anos sem Chico Mendes.** Disponível em: <https://docs.google.com/document/pub?id=1dlC6JnDQLLVOM2jp-xxBcJPr9VdLAqKZyWxeC-M2pBM>. Acesso em 24 de agosto de 2012.

PEREIRA, Marcus Abílio Gomes. **Internet e Mobilização Política** – Os Movimentos Sociais na Era Digital. Revista Teoria & Sociedade No. 18.2 – julho – dezembro de 2010.

PINTO, Lúcio Flávio. **Amazônia: No Rastro do Saque**. São Paulo, Editora Hucitec Ltda, 1978.

PRETTO, Nelson de Luca. SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Org.). **Além das Redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**: Salvador: Edufba, 2008.

RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a02.pdf>. Acesso em 12 de agosto de 2012.